

O POVO QUE CHEGA E INCHA A CIDADE

*A fome e a falta
de esperança
são mais fortes
que o medo e
trazem os
migrantes para
as invasões do
Distrito Federal*

Cristina Ávila
Enviada Especial

Tabira (PE) — Um irmão leva o outro. Os amigos incentivam a aventura. Os parentes procuram casas de primos, tios, para tentar vida nova. Abandonam casas no sertão, imóveis que não têm na área urbana do Distrito Federal e Entorno — região que em 26 anos poderá ter 9 milhões de habitantes, segundo previsões da Codeplan. Muitos migrantes acabam nas invasões de terras públicas. Muitos tentam retornar à terra natal. A mobilidade desta massa humana nunca foi estudada. Não se conhece essa rede de parentescos que transforma as cidades.

“Não conhecemos essa dinâmica”, admite o coordenador do Núcleo de Estudos Populacionais da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), Duval Fernandes, economista e doutor em Demografia. Ele sabe que essa rede que incentiva a migração existe. Mas não há estudos científicos sobre o assunto no DF. E no Brasil são poucas as pesquisas. Para fundamentar aulas, os professores usam exemplos de migrações internacionais. “No final de abril deveremos começar a identificar esta rede, em convênio com a Unicamp (Universidade de Campinas)”, afirma.

Até agora os estudos estão restritos aos números. E à caracterização das pessoas: nível escolar, idade, sexo, procedência, etc. Não se tem dados subjetivos — se os migrantes recorrem a parentes, porque migram, porque retornam ao local de origem. Os dados oficiais registram volumes. Não refletem motivações, sonhos possíveis ou impossíveis.

TRABALHO POUCO, A FOME É MUITA

*Água fica longe de casa,
só em fontes naturais,
mas ainda assim a mãe de
Francisco pede que ele fique*

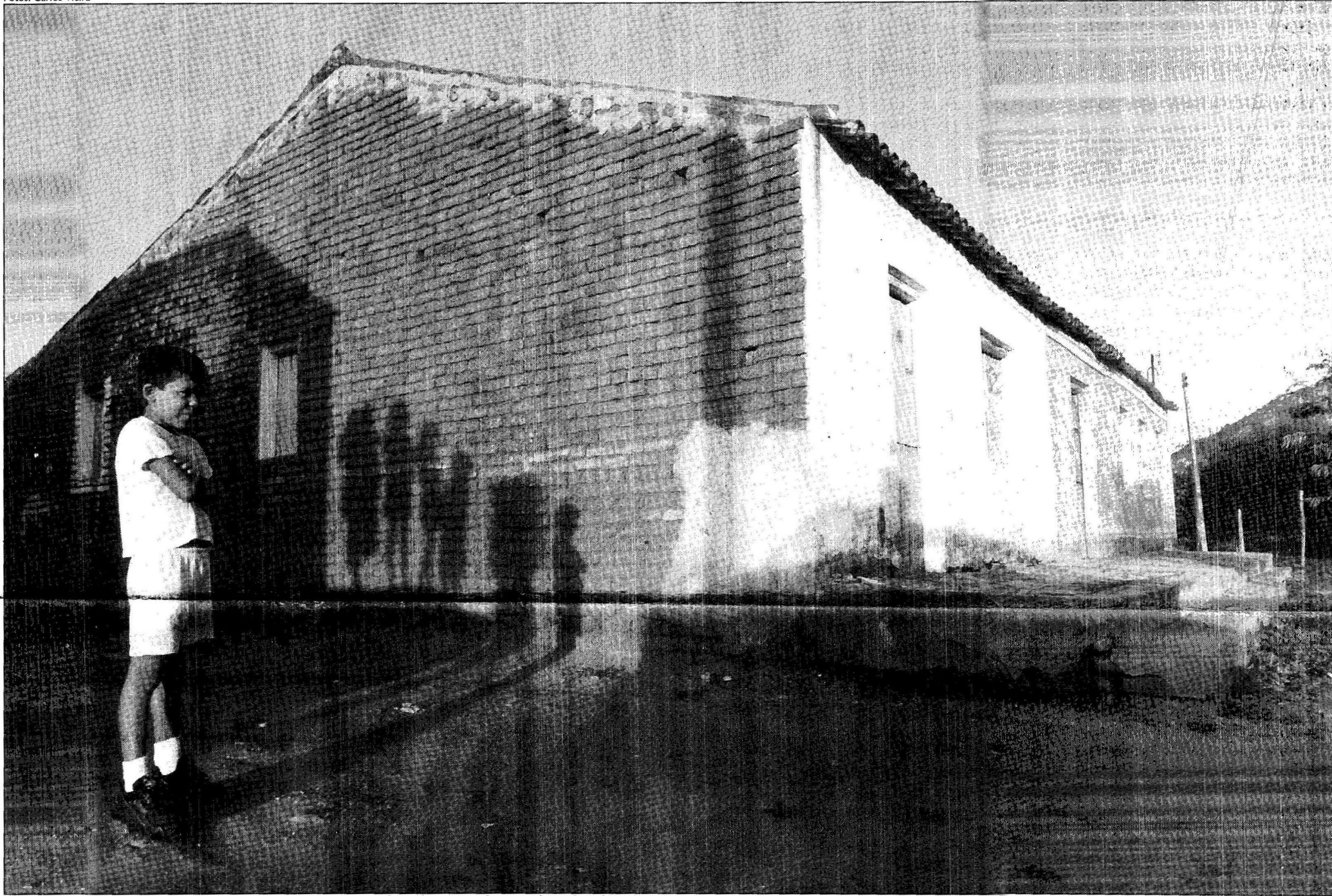
Francisco de Assis da Costa Santos, 24 anos, tem a quarta série do primeiro grau. Foi recusado na alistagem nas frentes de emergência, em Tabira. Ficou sem receber os R\$ 65,00 mensais pagos pelo governo federal para os que trabalham na construção de poços e limpeza de estradas. O dinheiro que engana a fome no Nordeste. Ele também não recebe cesta básica, porque mora com a mãe, que tem um salário mínimo de aposentadoria.

A maior viagem que Francisco fez até agora foi a Afogados da Ingazeira, a 40 quilômetros de Tabira. “Há seis anos estou pensando em mudar para Brasília. Uma hora falta dinheiro, outra falta coragem. Agora vou. Ou melhora ou piora.”

É difícil encontrar serviço no alto sertão de Pernambuco. Quando Francisco encontra um roçado pra fazer, recebe R\$ 5,00 para trabalhar entre as 7h e 11h e das 13h às 16h. Muitos homens trabalham com fome. As famílias sobrevivem de quase nada. “A gente tinha uma vaca, ia morrer de sede. Meu filho que mora em Brasília mandou R\$ 100,00, compramos uma carroça com tonel pra buscar água na mina”, conta a mãe de Francisco, Luzia, 55 anos. Os sertanejos de Tabira abastecem-se em fontes naturais de água. Longe de casa.

“Hora de almoço e janta, é que lembro deles. Aqui é seca, fome e sacrifício”, lamenta Geraldo Santos, o mais bem sucedido membro da família. Ganha R\$ 300 de salário e algumas gorjetas como padeiro em Águas Lindas, no Entorno do Distrito

Fotos: Carlos Vieira



José Adriano em frente à casa da família Lino, que abandonou tudo em Afogados de Ingazeira, Pernambuco, e que já tem pelo menos 50 pessoas morando no Distrito Federal e Entorno

Federal, há nove anos. Já levou dois irmãos, quer levar a mãe.

Luzia sofre porque mais um filho vai embora. “Por mim, ele não ia, Deus pode mandar chuva. Uma parte do coração fica lá. A gente acaba vivendo pela metade. Isso aqui vai ficar uma solidão. Eu queria chorar muito, mas não consigo; fica tudo trancado, na agonia. Quando lembro deles vou tirar lenha na caatinga, pra esquecer deles tão longe.” A distância fica ainda maior, porque não tem dinheiro — R\$ 100,00 de passagem de ônibus para Brasília é uma fortuna para ela.

O jovem que deixa o Nordeste em busca da cidade surpreendeu a professora Claudete Ruas, do Departamento Estatística da Universidade de Brasília, que está fazendo uma tese de doutorado sobre migração. “É espantoso. Em 1996, 171.250 pessoas com mais de quatro anos de idade estavam no Distrito Federal; todas migrantes a menos de cinco anos. Deste total, 90.730 são homens e mulheres entre 15 e 29 anos.” Entre os migrantes nesta faixa etária, mais da metade eram mulheres — 51.085.

AGORA, PATRÕES EXIGEM MUITO

*Está difícil conseguir
até emprego de doméstica
já que está se exigindo
estudo e experiência*

Vandira da Silva, 17 anos, também é um exemplo das estatísticas sobre migração. Há 35 dias mora em um barraco na invasão da quadra 521 de Samambaia. Tem a 5ª série do primeiro grau. Ela chegou há dois anos no Distrito Federal. Chegou ao DF com o pai e a mãe. E está desempregada. Família de Belém de São Francisco, no Vale do rio São Francisco,

Pernambuco. Eles moravam de aluguel na quadra 313, até que surgiu a oportunidade de invadir um lote.

“Tá muito difícil encontrar emprego. Não é como antes”, diz a irmã dela, Vanusa, que tem o primeiro grau completo, é empregada doméstica e chegou há quatro anos. “Eu vim com 15, já empregada. Mas agora os patrões exigem muito. Querem experiência, idade mínima. Se você vai procurar emprego no Lago, eles querem que tenha experiência por lá mesmo, dois, três anos. As vezes exigem até segundo grau.”

As duas moram com os pais e uma irmã, filhos. Nove pessoas. Em dois barracos grudados. “Minha filha Ivone veio pra cá há 13 anos. Ela arrastou todos nós pra cá. Viemos 14 da família. Um de cada vez. Mas

cinco voltaram, não arranjaram nada. Tudo analfabeto”, conta o pai, o agricultor João José da Silva, 60. Depois de Ivone, Maria Cleonice, 29, saiu da terra natal. “Vim em 93. De vez em quando também fico desempregada.”, diz Maria.

“Se Brasília valeu? E como! É terra de gente humana. Sou bem tratado. Aqui vivo limpo. Lá não tinha o conforto que tenho aqui”, ressalta João José, pisando no chão de barro da invasão, onde as crianças são encardidas pela terra. “Lá eu fazia sandália de pneu, porque não tinha dinheiro pra comprar uma havaiana”, completa a mãe, Maria Cleonice da Conceição, 54 anos. “Eu só vivia doente. Aqui como banana, fruta. Quando cheguei em Brasília, engordei seis quilos, logo nos primeiros meses” Agora, ela cui-

da dos netos, enquanto as filhas passam a semana em casas de família.

PRIMEIRA PARADA É CASA DE AMIGO

*Os migrantes se instalam
de favor, mas não
eles os responsáveis pela
explosão populacional*

Muitos migrantes chegam em Brasília trazidos por amigos ou alguém da família. Mas quando surge a oportunidade, querem arranjar o próprio canto. As invasões são um prato cheio. É o que comprova uma pesquisa da Codeplan, citada como

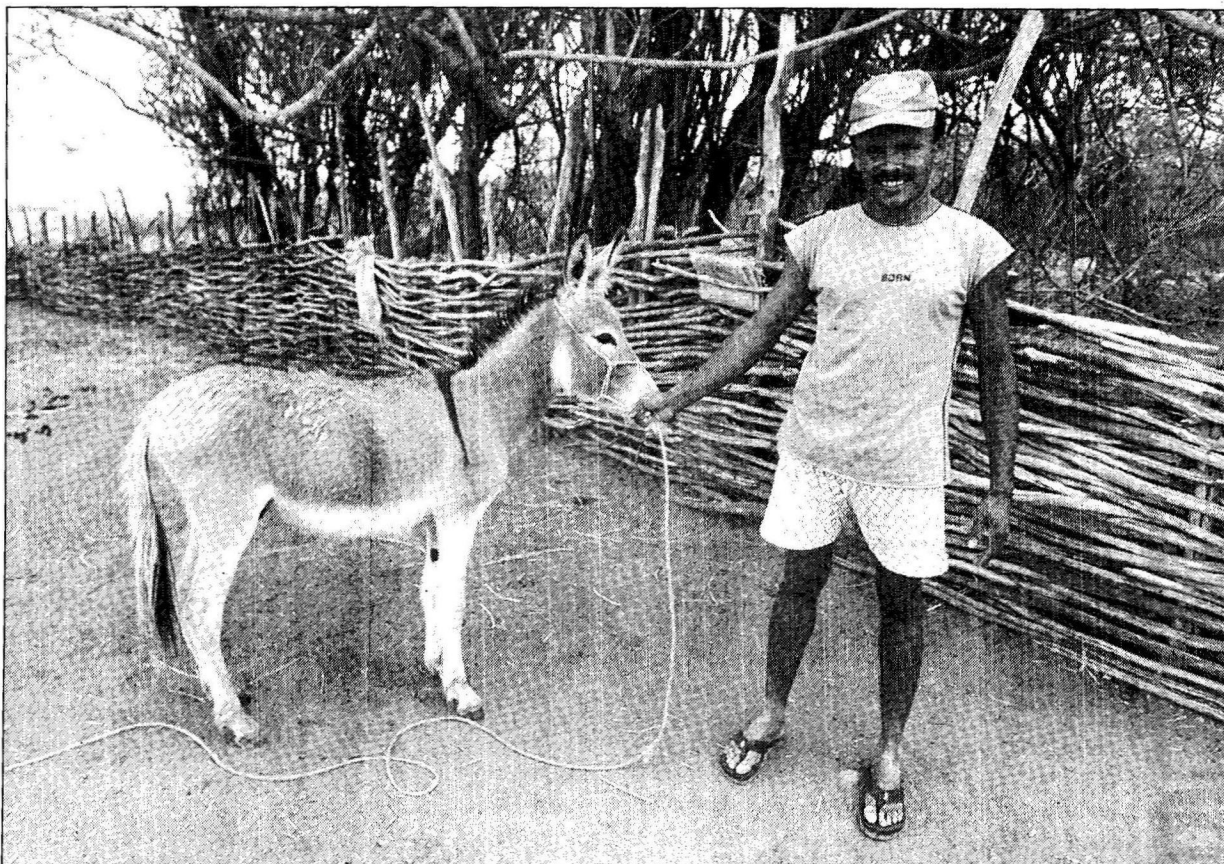
exemplo desse comportamento por Duval Fernandes.

Em 1996, foram feitas entrevistas com todos os 1.306 moradores da invasão da Q 605, chamada Área Verde do Recanto das Emas. Apenas 76 eram migrantes que chegaram direto na invasão. Outros 808 eram migrantes que antes haviam morado na casa de algum parente ou amigo. Destes, 230 tinham menos de quatro anos no Distrito Federal. “Essa é uma demonstração da rede familiar que estimula a migração.”

Na opinião do coordenador do Núcleo de Estudos Populacionais da Codeplan, o estudo científico dessa população é fundamental para as políticas públicas. “Temos que conhecê-los. Até para evitar que as autoridades divulguem projetos, como criação de empregos ou política habitacional, que estimule a migração. O governo tem que ter mais clara a responsabilidade sobre cada palavra que possa gerar impacto, que possa trazer mais gente”, afirma Duval Fernandes.

Para o economista e doutor em Demografia, não existe relação direta entre migração e a violência. Mas a violência é, sim, reflexo da miséria. De acordo com projeção da Codeplan, o DF e Entorno vão chegar a 2.025 com 9 milhões de habitantes, se as taxas de crescimento continuarem constantes — 5,69% de crescimento anual nos 21 municípios da Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno e Distrito Federal (a Ride, aprovada pelo Senado em janeiro do ano passado) e 2,6% de aumento demográfico anual do DF.

Nos números do terceiro milênio, estarão os migrantes que ainda vão chegar. E os filhos deles. Os migrantes não serão os principais a impulsionar este crescimento. Entre 1991 e 1996, o saldo migratório no Distrito Federal (subtração do número dos que saem do número dos que chegam) foi de 19 mil pessoas todos os anos.



Francisco de Assis, de Tabira (PE), cansou de esperar a vida melhorar e criou coragem: diz que virá para Brasília